

“A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos”:
estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio.¹

Paulo Carrano^{*}
Patrícia Abreu Damasceno^{**}
Cristina Tafakgi^{***}

RESUMO

Esta comunicação é resultado de pesquisa desenvolvida em uma escola pública estadual de Ensino Médio localizada na zona oeste do município do Rio de Janeiro.² O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender o cotidiano de utilização das redes sociais por professores e estudantes da referida escola. A pesquisa adotou postura de pesquisa-ação ao estimular a comunicação entre professores e estudantes através de criação de comunidade numa rede social com fins de criar campo de escuta e reflexão sobre o potencial das redes sociais na sala de aula. A interação, além de produzir dados para análise, promoveu diálogos em ambiente na Internet para escuta das demandas no cotidiano do colégio. A comunicação discutirá o momento qualitativo da pesquisa. E, em especial, os grupos de discussão realizados procurando descrever e analisar os relacionamentos que os sujeitos da escola estabelecem com as redes sociais. Os grupos trouxeram questões significativas no que tange ao uso das redes sociais por estudantes e professores. Entretenimento, humor, pesquisas, músicas, filmes e o Facebook são os principais interesses dos alunos quando acessam a internet. Os jovens participantes da pesquisa consideram que as redes sociais são um importante instrumento para a aprendizagem, especialmente pela sua possibilidade de garantir um horizonte ágil e diversificado de informações.

Palavras-chave: Juventude, Escola, Redes Sociais, Internet

¹Trabalho originalmente apresentado como comunicação no SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS: transformações e subversões na atualidade, 7, 2013. [Comunicação]. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

* Paulo Carrano é professor Associado I da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da UFF. Pesquisador Produtividade – Nível 2 – do CNPq.

** Patrícia Abreu Damasceno é Pedagoga e Assistente de Pesquisa do Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF.

*** Cristina Tafakgi é Licenciada em Ciências Sociais e professora da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Bolsista TCT/Faperj.

²Pesquisa financiada pela Faperj – Edital apoio à Escola Pública/2011. A pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo de pesquisa Observatório Jovem/UFF e contou a participação de duas professoras bolsistas de Treinamento e Capacitação Técnica (TCT) e quatro jovens bolsistas de iniciação científica (Jovens Talentos) do ensino médio da escola que recebeu a investigação. Para fins de preservação do anonimato, omitiremos o nome da escola e assim como utilizaremos nomes fictícios para os informantes.

Introdução

Uma das questões mais impactantes para a educação escolar tem sido o reconhecimento de que o aluno é também um jovem e que não existe “a juventude”, mas “juventudes”. No contexto desta percepção da multiplicidade de maneiras de se ser aluno e jovem há, também, a compreensão de que ser jovem significa ser sujeito das intensas transformações pessoais e societárias relacionadas com o amplo processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Os jovens possuem, hoje, um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas próprias trajetórias pessoais e isso inclui o desafio da construção pessoal e coletiva de conhecimentos significativos. As intensas transformações nas formas e conteúdos das instituições sociais interferem em suas condições e capacidades de promoverem processos de socialização. O que pode se chamar de crise ou esgotamento da *forma escolar* (VINCENT et al., 2011) se confunde com o próprio esgotamento da capacidade de resposta aos desafios contemporâneos das instituições criadas na modernidade. Indaga-se até que ponto a instituição escolar teria condições de responder, hoje, às mutações que ocorrem no campo da subjetividade juvenil sem promover mudanças significativas de princípios de atuação e de organização dos espaços-tempos cotidianos.

As redes sociais se constituem como paradigma emergente de novos contextos de relacionamentos e compartilhamento de experiências e saberes caracterizados pela dispersão e pluralidade numa evidente rota de colisão com a lógica de fechamento e linearidade de escolas que se fecham entre suas “paredes” (SIBILIA, 2012). Pode-se dizer que nas redes sociais encontram-se um dos mais expressivos campos de experimentação para a constituição das identidades juvenis.

Alberto Melucci (2004) ao considerar que a identidade fundamenta-se

unicamente em uma relação social e que esta depende da interação, do reconhecimento recíproco entre nós e os outros, assinala, então, que esta contém uma tensão irresolvida e irresolvível entre a definição que temos de nós mesmos e o reconhecimento dado pelos outros. A identidade comporta uma divergência entre a auto-identificação e a identificação fornecida pelo ambiente externo. Tornamo-nos, inclusive, aptos a concentrar e focalizar nossos esforços a fim de nos reapropriarmos daquilo que reconhecemos como nosso. A participação em ações de mobilização coletiva e em movimentos sociais, o engajamento em atividades de inovação cultural e ações voluntárias de cunho altruísta assentam seus alicerces sobre essa necessidade de identidade e contribuem para respondê-la.

Ainda seguindo as pistas do italiano Melucci (idem), é possível afirmar que um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir à incerteza e pede ao indivíduo a capacidade de mudar sua forma permanecendo o mesmo. O eu, não está mais solidamente fixado em uma identificação estável: joga, oscila e se multiplica. *Há jogo* é a expressão usada na linguagem mecânica para indicar que uma engrenagem não está rigidamente presa em seu encaixe. Diante dessa folga, o eu pode sentir medo e perder-se. Ou, então, aprender a jogar.

E este jogo é também o processo de busca da individuação, ou seja, o caminho percorrido pelo indivíduo na busca de sua independência suficiente do sistema.

“(...) no processo de individuação tornamo-nos capazes de produzir, de modo autônomo, aquilo que antes necessitávamos receber dos outros. A identidade adulta é, portanto, a capacidade de produzir novas identidades, integrando passado e presente e também os múltiplos elementos do presente, na unidade e na continuidade de uma biografia individual” (MELUCCI, 2004: 46).

A crescente popularização da Internet está possibilitando a emergência de novas *culturas da participação* (SHIRKY, 2011) e de espaços-tempos de aprendizagem não hierarquicamente organizados. Há mais generosidade nas trocas comunicacionais no mundo conectado do que no contexto das comunicações unilaterais dos emissores clássicos de conteúdo, quer sejam conteúdos midiáticos como os que caracterizaram quase toda a história dos canais de televisão, ou ainda os conteúdos escolares que trafegavam na rua de mão única daquilo que Paulo Freire denominou de educação bancária. O que se acostuma chamar de “mundo virtual” da internet – com todas as imprecisões que o termo pode assumir – é espaço-tempo pleno de possibilidades de

reais interações humanas. Um importante campo de pesquisa se constitui com a problematização sobre linguagens e meios de comunicação que possuem influência sobre a constituição das subjetividades juvenis. Nesta direção se encontram as chamadas redes sociais de relacionamentos (Facebook, Twitter, Orkut etc) que, sem exagero, já podem ser consideradas um traço civilizatório organizador dos modos de vida de jovens em todo o mundo. Assim, torna-se estratégica a realização de estudos que aprofundem conhecimentos e inventariem a multiplicidade de situações e usos que os jovens fazem dos diferentes canais de interação disponíveis na sociedade tecnológica no Brasil.

As manifestações culturais juvenis, notadamente as que se fazem notar pelas mídias eletrônicas, podem e devem ser utilizadas como ferramentas que facilitem a interlocução e o diálogo entre os jovens, profissionais da educação e da escola, contribuindo assim para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras em comunidades de aprendizagens superadoras das tradicionais hierarquias de práticas e saberes ainda tão presentes nas instituições escolares.

A pesquisa

A pesquisa que desenvolvemos como um estudo de caso identificou movimentos de interação, mas também de estranhamento e distanciamento em relação ao uso das redes sociais pelos professores. Há uma reconfiguração do processo educativo no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação e, em especial, frente à utilização das redes sociais no espaço da escola. Existem temores, por parte dos estudantes, em utilizar as redes sociais como uma ferramenta pedagógica de aprendizagem escolar. Ainda que reconheçam o potencial das redes sociais para a complementação e melhoria das atividades escolares, parecem sinalizar que as redes sociais são um espaço especialmente concebido como de entretenimento e sociabilidade entre pares juvenis.

A escola deste estudo está localizada na Taquara, em Jacarepaguá, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Uma das regiões mais populosas do município, porém, com poucas escolas de Ensino Médio. A escola é uma das maiores da região e funciona, desde 1956, exclusivamente para o Ensino Médio. No momento da pesquisa, possuía 1478 alunos matriculados no ensino regular, com 200 alunos na EJA, sendo um total de 1678 matriculados no ano de 2012. Oferece também ensino especializado para alunos

com dificuldades de aprendizagem – 7 alunos matriculados (INEP, 2013). Dados colhidos diretamente na secretaria da escola informam que dos estudantes matriculados, 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino. A escola oferece as seguintes modalidades nos três diferentes turnos: Ensino Médio Inovador - 20 turmas³; Ensino Regular - 8 turmas; EJA - 4 turmas (2ª e 3ª séries); NEJA⁴ - 3 turmas (1ª série; implantação); Projeto Autonomia - 4 turmas (3 no módulo 3 e 1 no 1º módulo)⁵. A escola contava com um quadro de 130 professores. Possui resultado médio no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e taxa de participação próxima à média da rede pública estadual, sendo o desempenho de 555,38 e taxa de participação de 31,9%, para o ano de 2010.⁶ Em 2011, a escola não foi incluída na lista do INEP que apresenta o resultado do desempenho conjunto da escola devido a participação de menos de 50% dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio. No município do Rio de Janeiro, apenas 34 escolas públicas (Federais e Estaduais), de um total aproximadamente de 500 escolas, tiveram a taxa de participação no ENEM em 2011 maior do que 50% e, portanto, foram incluídas no resultado de desempenho por escola.

A escola possui uma boa infraestrutura contando com: 17 salas de aulas, sala multimídia, auditório com 140 lugares, biblioteca, sala de informática, sala de professores com ambiente distinto para estudos e banheiros, Núcleo de Cultura, sala de recursos (atendimento de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais), sala do SOPE (Serviço de Orientação Pedagógica), sala da Direção, Secretaria, Coordenação de Turno, Mecanografia, Núcleo de Pessoal, Cozinha, Despensa, quadra esportiva, pátios coberto e descoberto, banheiros para alunos com aquecimento solar nos chuveiros, além de uma horta agroecológica.

³ O Programa Ensino Médio Inovador - ProEMi é uma estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. O objetivo do ProEMi é apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral. Fonte: MEC, 2013.

⁴ O Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) é uma nova versão do EJA implementada pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro; tem duração de 2 anos e se desenvolve em módulos.

⁵ O Projeto Autonomia é um projeto de parceria entre a Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) e a Fundação Roberto Marinho que visa diminuir a distorção idade-série dos alunos da Educação Básica com idade mínima de 15 anos no Ensino Fundamental e de 17 anos no Ensino Médio utilizando a metodologia do Telecurso. Os participantes do Autonomia (alunos com 2 anos de defasagem idade/série) têm quatro horas diárias de aula em turmas diferenciadas, com o mínimo de 20 e o máximo de 35 alunos divididos em equipes e orientados pelo mesmo professor durante todo o programa.

⁶ A média nacional foi de 511,21, em 2010.

A escola se destaca por atrair um grande número de alunos todos os anos. Sua boa reputação se dá por persistir uma história de qualidade e bons resultados, mas também por desenvolver e participar de muitos projetos.

Metodologia

A metodologia da pesquisa foi organizada em duas etapas: primeiro realizamos o levantamento de dados quantitativos, através de dois questionários diferentes, um aplicado aos alunos e outro aos professores; e, em um segundo momento, numa abordagem qualitativa, realizamos grupos de discussão e entrevistas individuais, também com alunos e professores. Este segundo momento foi todo registrado com qualidade técnica de imagem e de som, o que gerou material para análise, assim como para a produção de um vídeo-documentário⁷. Além disso, contamos com a observação participante e relato de alunos-bolsistas, fundamentados em debates com a equipe da pesquisa e em diálogos com seus colegas na escola.

A pesquisa quantitativa foi constituída por uma amostra não probabilística que procurou atingir o número total de estudantes matriculados. Ela é representativa por ter obtido respostas aos questionários por 1224 estudantes, o equivalente a 73% do universo de estudantes matriculados. A amostra de professores é menos robusta e alcançou 44 professores de um corpo docente composto por 130 indivíduos.⁸ Mais da metade dos professores tem acima de 45 anos. Dos 44 professores respondentes, 27 tem acima de 45 anos e 17 menos.

Os questionários de estudantes (44 perguntas) e professores (31 perguntas) foram divididos em três blocos: o primeiro relacionado com o perfil, o segundo bloco continha questões sobre usos da internet e redes sociais e, por último, as relações entre as redes sociais e a escola.

⁷ O documentário da pesquisa foi intitulado “Uma escola entre redes sociais” (22min.) e pode ser assistido na internet – Portal Ensino Médio EMdiálogo. Acesse em:

<http://www.emdialogo.uff.br/content/uma-escola-entre-redes-sociais-documentario-de-pesquisa>

⁸ Não podemos falar em termos de percentuais porque a amostra tem somente 44 indivíduos, para isto seria preciso um número absoluto acima de 100.

Realizamos quatro grupos de discussão (três grupos com estudantes e um grupo com professores). Participaram 33 estudantes e 6 professores. Foram realizadas, ainda, 9 entrevistas individuais. As entrevistas individuais e em grupo foram gravadas em vídeo digital, assim como foram realizados registros do cotidiano da escola.

As entrevistas individuais tiveram trinta minutos como duração média. Todas elas foram realizadas sem a presença de outros estudantes ou professores que poderiam influenciar nas narrativas.

Numa busca de manter um fio condutor para a análise dos dados da pesquisa, tanto as questões levantadas nos grupos de discussão, assim como nas entrevistas individuais com estudantes e professores, foram pensadas pela equipe a partir dos blocos de questões que constituíram o questionário da pesquisa quantitativa.

Realizamos grupos de discussão com os estudantes dos turnos da manhã, tarde e noite e com um grupo de professores. Contamos com a participação de 8 estudantes no turno da manhã, sendo três garotas e cinco rapazes, da primeira e da terceira séries. No grupo de discussão realizado à tarde, foram 12 estudantes, sendo nove garotas e três rapazes, todos do primeiro ano. Já no grupo de discussão realizado à noite, participaram 8 estudantes, sendo cinco garotas e três rapazes, a maioria da segunda série. No total, foram 28 estudantes os que participaram dos grupos de discussão.

No grupo de discussão com os professores, contamos com 7 participantes, sendo eles professores de: Educação Artística e História da Arte, História, Língua Portuguesa, Educação Física, Geografia e Sociologia. Dentre eles, dois professores participavam do já citado projeto Autonomia.

Participaram das entrevistas individuais estudantes de idade entre 15 e 18 anos, da primeira e da terceira séries, sendo a maioria do sexo feminino. Já a professora, ministra aulas de Biologia na escola há mais de quinze anos e é uma referência para os estudantes com relação à utilização das redes sociais.

No total, através dos grupos de discussão e das entrevistas individuais, obtivemos a participação de estudantes entre 15 e 23 anos, sendo 16 a idade mais frequente. Obtivemos também a participação de estudantes de todas as séries do Ensino Médio, sendo a primeira série a mais presente. Vale ressaltar que contamos também com a participação de dois estudantes que cursam a NEJA e um estudante que participa do projeto Autonomia.

Análise do grupo de discussão com os professores

Para apresentar, também, a parte quantitativa da pesquisa analisamos os dados obtidos através da aplicação do questionário aplicado aos 44 professores. Sobre o perfil dos professores na escola, temos um grande número acima dos 46 anos – sendo que 27 professores são do sexo feminino. A maior parte exerce a função por mais de 11 anos – 29 deles. Sobre a formação profissional, quatro professores têm mestrado e vinte e três, algum tipo de especialização.

Somente três professores costumam não acessar a internet. As duas atividades mais frequentes são o envio de e-mails e a realização de pesquisas – 31 professores. Trinta e cinco docentes têm perfil na internet. E, assim como ocorre com seus alunos, o Facebook é a rede mais usada. Mais da metade dos professores afirma não fazer uso das redes sociais como prática pedagógica. Segundo alguns, ainda faltaria preparo e conhecimento sobre as possibilidades das redes sociais como aliadas na prática docente. A maioria dos professores que utiliza as redes sociais revelou, contudo, que começou a utilizá-las por decisão própria, sem nenhuma exigência da instituição, e sem fazer parte de nenhum planejamento ou, mais especificamente, do Projeto Político Pedagógico da escola.

A utilização das tecnologias de redes sociais motivariam o interesse e a participação dos alunos. Em uma entrevista individual, uma professora de biologia afirma que, para ela, “a utilização das redes sociais foi um processo natural de ampliação do uso de tecnologias”, uma vez que já utilizava as redes sociais em sala de aula. Ela relata que foi adicionando “naturalmente” seus alunos e que a principal finalidade do uso das redes sociais com os alunos é a melhora e ampliação do contato, que considera, muitas vezes, reduzido face ao grande número de alunos em sala e o limitado tempo de aula do professor.

É também bastante preocupante para os professores a dispersão em sala de aula por parte dos alunos quando estes utilizam a internet e, mais especificamente, as redes, já que esta contém muita informação e provoca distrações que conduzem rapidamente a atenção dos estudantes para áreas de interesse pessoal e, em geral, não coincidentes com os assuntos tratados em sala de aula. Embora facilite a pesquisa, esta dispersão ocupa muito tempo de navegação. Além disso, pela impaciência e curiosidade, os alunos se movem de um site a outro, aprofundando pouco aquilo que encontram.

A maioria concorda com os estudantes sobre a necessidade de se ampliar o acesso ao laboratório de informática e o acesso à Internet dentro da escola. Houve consenso no grupo de discussão com os professores de que a permissão do acesso às redes sociais no laboratório de informática da escola deveria trazer também a supervisão e o controle por parte de monitores e/ou professores.

Para a maioria dos professores entrevistados, as redes sociais podem complementar as atividades pedagógicas, assim como devem fazer parte do Projeto Político Pedagógico. As redes, contudo, não deveriam ser vistas como substitutas do contato direto com o aluno em sala de aula. Isso mostra que as redes sociais e sua utilização com fins pedagógicos ainda são um desafio para professores e gestores escolares que precisam ser enfrentados, o que já justificaria, por si só, o interesse nesta reflexão.

Análise dos grupos de discussão com os estudantes

O grupo de discussão, segundo Fabra (2001), “*é constituído por um conjunto reduzido de pessoas, reunidas com o propósito de interactivar numa conversa sobre temas objecto de investigação*”. Nossa opção por esta metodologia se baseou na busca das percepções dos diferentes sujeitos no universo escolar, relatadas ao longo de uma conversação, através da qual poderíamos recolher diferentes opiniões e realidades de utilização das redes sociais. Não buscávamos, portanto, uma média das opiniões ou mesmo um consenso entre os jovens, mas a interação e o diálogo possível de opiniões sobre um tema de interesse coletivo.

Nos limites de espaço desta comunicação escolhemos a apresentação de dados de dois dos grupos de discussão realizados, sendo um no turno da manhã e outro no turno da tarde. A escolha se dá pelo fato de serem estes os grupos de discussão cujos registros foram, até o momento, melhor revisados e explorados.

Antes de almejar compreender o uso da internet e das redes sociais pelos estudantes no meio escolar, assim como suas consequências na aprendizagem, faz-se necessário compreender como jovens se apropriam e fazem uso da internet e das redes sociais no cotidiano e como elaboram subjetividades a partir desta apropriação.

Através dos grupos de discussão – mas também como resultado da parte quantitativa da pesquisa – foi constatado que a maioria dos alunos utiliza principalmente o Facebook como rede social de relacionamento. O levantamento de

dados quantitativos demonstrou que a maioria dos alunos (70% dos que responderam ao questionário) utiliza principalmente o Facebook e considera a comunicação como principal uso desta rede. A facilitação da interação e a liberdade de expressão são justificativas recorrentes para a adesão às redes sociais.

De um modo geral, eles e elas afirmaram encontrar nas redes sociais o momento de descontração necessário para enfrentar a seriedade e o esforço realizado no tempo dedicado à escola. O Facebook é sinônimo de brincadeira e diversão. Sociabilidade, enfim.⁹ É um local do qual o jovem se apropria à sua maneira, reservado às travessuras proibidas em sala de aula, onde é possível ser e fazer mais do que permitido no espaço escolar.

Além da diversão, o Facebook também foi apresentado pelos jovens como espaço-tempo estratégico para a comunicação. Na rede é possível combinar um encontro, uma festa, um show. É canal para reencontrar antigos amigos. Lugar para se comunicar com família e amigos que moram longe. E também conhecer novas pessoas e lugares do país e do mundo, oportunidade dificilmente realizável nos limites do bairro ou da escola. Uma tônica que emerge das discussões é a de que as redes sociais, notadamente o Facebook, é momento de entretenimento, prazer e comunicação.

Augusto (15 anos, 1º ano) critica quando a pessoa deixa de sair com os amigos para permanecer diante do computador. Para ele, bem como para todos os jovens com os quais conversamos, a relação estabelecida com os amigos através das redes sociais não substitui o encontro na praça, a saída do sábado à noite ou as simples rodas de conversas. Júlia (16 anos, 1º ano), confirma esta percepção ao afirmar que “é bom você ver a pessoa, sentir o cheiro, tá perto dela, sorrir perto dela”. E, reconhecendo os limites da interação online, complementa dizendo que nem tudo é possível de ser feito através das redes sociais eletrônicas.

A ideia de descontração vinculada ao Facebook faz com que grande parte dos estudantes deseje não “misturá-lo” com assuntos escolares. Carla (16 anos, 1º ano) explica que “tem gente que acha que escola é chata, trabalho de casa é chato” e que quando a pessoa acessa o Facebook ela quer conversar com os amigos, mas sobre outros assuntos, não mais sobre a escola. Vanessa (16 anos, 1º ano) exemplifica ao dizer que

⁹ Para Simmel (1983), a *sociabilidade é a forma lúdica da sociação*. A sociação se faz pelas interações em torno de interesses que motivam a ação e que, em última instância, constituem a sociedade.

ela mesma não falou, nem viu ninguém falando nada sobre a escola ao longo de todo o último feriadão que antecedeu a realização dos grupo de discussão.

Para Adriana (15 anos, 1º ano), os estudantes já dedicam muito tempo de suas vidas à escola, então, quando enfim podem acessar as redes sociais não querem mais falar sobre escola, exercícios, deveres de casa, etc. E explica: “não é que (a escola) não seja importante, mas também a gente quer uma pausa, uma diversão”. Sua explicação é acrescida pela fala de Raquel (16 anos, 1º ano), quando ela diz que a escola tem tudo o que eles precisam, mas o Facebook tem tudo o que eles gostam. Além disso, quando ela afirma que “escola é chata e Facebook é legal”, todo o grupo concorda.

Entretanto, há também aqueles que, como Márcio (16 anos, 1º ano), pensam que a escola já está presente, de uma forma ou de outra, nas redes sociais eletrônicas. Excluir a escola das discussões online não seria misturar, mas sim separar o que já está misturado. O que, para ele, representaria um retrocesso.

Alguns professores, na tentativa de introduzir novos recursos tecnológicos às suas aulas, publicam textos, fotos ou vídeos nas redes sociais e pedem que os alunos interajam com o objetivo de ganhar pontos. Vale ressaltar que estes pontos são prometidos àqueles que comentam a publicação, não aos que apenas a curtem no Facebook. Ana (16 anos, 1º ano) lembra ainda que, como mencionado acima, “tem gente que não está na rede social e que por conta disso perde ponto”. Todavia, neste caso, ela se refere não apenas àqueles que não possuem computador, mas também àqueles poucos que não utilizam as redes sociais por opção.

Segundo os estudantes que participaram destes grupos de discussão, apesar da falta de tempo, de formação e experiência neste domínio, estes professores que se esforçam para criar novas estratégias de inserção das redes sociais nas suas práticas pedagógicas sempre que possível, também têm se mostrado bastante presentes nas redes sociais postando informações sobre a escola, trabalhos, dias e matérias das provas. O que é bem apreciado por parte expressiva dos estudantes.

Adriana nos explica que uma das vantagens é a possibilidade de uma melhor administração do tempo que o professor tem com cada turma. Isso porque, ao invés de escrever toda a matéria no quadro para que os alunos copiem, ele pode otimizar o tempo de debate com os alunos sobre a matéria a ser trabalhada e enviar, posteriormente, um

texto explicativo via rede social ou responder as mensagens com as dúvidas que os estudantes o enviarem.

Alguns estudantes demonstram, assim, considerar uma necessidade a inclusão dos professores às redes sociais em prol de uma maior praticidade no seu cotidiano escolar, mesmo que isso venha a trazer como consequência a introdução de assuntos “chatos” (da escola) em um espaço “divertido” (o Facebook). Eles concordam que falta ainda uma apropriação do professor a uma diferente representação de Internet e também uma compreensão e adaptação aos diversos modos juvenis de utilizar as redes sociais eletrônicas.

Entretanto, quando perguntamos aos estudantes sobre a relação que estes estabelecem com seus professores pelas redes sociais, as respostas não são tão variadas assim. A maioria possui apenas alguns poucos professores adicionados como amigos em seus perfis do Facebook. E o motivo pelo qual eles os adicionaram é claro: “pra pedir ajuda em trabalho”, “porque ela (a professora) mexia com essas coisas, dando nota” ou porque a professora “postou matéria de prova que não teve aula”, ou seja, “é só por causa de matéria mesmo, porque eles necessitam passar alguma coisa importante”.

Não é constatado, em nenhuma das falas dos estudantes, um motivo mais pessoal e afetivo para estabelecer um contato virtual com seus professores. A exceção é Artur que se diz muito próximo ao seu professor de vôlei. A convivência entre eles já dura aproximadamente quatro ou cinco anos e, por isso, tê-lo adicionado em seu perfil “é mais do que obrigação”, justifica.

Em todo caso, Marcelo nos lembra que estes professores presentes nas redes sociais utilizam, geralmente, a mesma linguagem que os estudantes, seja com o intuito de prolongar e aprimorar a aula dada em sala ou de criar um contato mais próximo e direto com seus alunos. Mesmo assim, os estudantes afirmam ter sempre o receio que seu professor acompanhe tudo o que eles publicam nas redes sociais. Eles dizem se sentir supervisionados e controlados, tal como estivessem em sala de aula. Ana explica que não gosta de adicionar professores porque, ao postar algo que ela acha engraçado, não sabe qual será a reação do professor ao ver o que ela postou, ou seja, ela tem medo do julgamento que o professor pode fazer do que ela publica, mas também da influência que esse julgamento pode acarretar à sua vida escolar.

Márcio explica que o fato de o professor, às vezes, mal interpretar o que os alunos publicam, é uma questão de geração. Segundo ele, “o professor não entende o que a gente quer dizer, (porque) nosso humor não é o mesmo que o deles”. Já Carla acha que o professor entende que o aluno tenha comportamentos diferenciados na escola e na sua vida pessoal.

Conclusão

As redes sociais ocupam grande parte do tempo e da atenção dos jovens estudantes do Ensino Médio. A presença dos estudantes num único espaço na internet de comunicação e sociabilidade poderia ser uma maneira de a escola ampliar a comunicação com o seu público, estreitar relações entre corpo docente e discente e ampliar campos de possibilidade de acesso e compartilhamento de saberes.

A interação entre estudantes que ocorre nas redes sociais permite a reconfiguração do papel do aluno no processo de aprendizagem. Os depoimentos dos estudantes deixam perceber que esses se sentem mais livres para se expressar e para compartilhar ativamente informações, conteúdos e colocar afetos através das redes sociais eletrônicas.

Apresentamos aqui alguns resultados da pesquisa que se tornaram relevantes para a nossa reflexão sobre a utilização das redes sociais e sua interação com o universo escolar, esperando, assim, contribuir também a potencializar sua utilização em função da melhoria da qualidade das escolas públicas de ensino médio.

Em seus resultados parciais, a pesquisa nos revela a importância de compreender os desafios que estão postos pela utilização cada vez maior de novas mídias nas escolas. Para nós, a pesquisa trouxe a confirmação de que as redes sociais fazem parte do cotidiano da maioria dos jovens estudantes do Ensino Médio numa dimensão majoritariamente associada ao entretenimento, à comunicação desinteressada e à sociabilidade. Estes, sem dúvidas, são elementos que precisam ser considerados na formulação de projetos pedagógicos que tenham como objetivo a utilização das redes sociais com finalidades puramente didáticas e instrumentais.

Percebe-se que novas identidades emergem e que estas estão inseridas em novas linguagens ainda não totalmente compreendidas pela instituição escolar e seus agentes docentes. O que se torna um desafio instigante para professores repensarem suas práticas e melhor dialogar sobre o tema das redes sociais entre si e, sobretudo, com seus estudantes.

A presença de nossa pesquisa na escola criou um ambiente de diálogo sobre as possibilidades da inserção das redes sociais no ambiente escolar. Nossas movimentações e provocações de pesquisa estimularam a reflexão de professores sobre a sua utilização como instrumento significativo para ampliar a interação, melhorar o relacionamento com os estudantes e promover alternativas de aprendizagem considerando a dimensão interativa das redes sociais.¹⁰

As redes sociais são uma realidade cotidiana nas práticas de estudantes e, pelo que constatamos, também de professores. Contudo, encontramos um silêncio no Projeto Político Pedagógico da instituição sobre as possibilidades e desafios do uso dessa ferramenta para a vida da escola. Um dos grandes desafios vem a ser a ineficiência ou ausência de acesso à banda larga gratuita e conexão Wifi para a comunidade escolar, condição mínima para que a entrada nas redes seja possível.

As redes de escolas são desafiadas pela provocação contemporânea de que as escolas estejam nas redes sociais. O jogo está apenas começando, mas tudo indica que os jovens estudantes já largaram na frente.

Bibliografia

FABRA, Maria Lluisa & Domènech, Miquel. *Hablar y Escuchar, Relatos de Profesores y Estudiantes*. Barcelona: Paidós, 2001.

INEP. **Data Escola Brasil**, 2013. Acesso em: 08.04.2013. Disponível em: <http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/>

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Ensino Médio Inovador**. Secretaria de Educação Básica. Acesso em: 10.04.2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13439

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu; a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SIBILIA, Paula. **"Redes ou Paredes - A Escola em Tempos de Dispersão"**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012.

¹⁰ Parte expressiva das conversas sobre o uso das redes na escola e questões relacionadas com o uso da internet podem ser vistas na comunidade *Juventudes Conectadas* criada por professores e estudantes da escola e que está hospedada no Portal EMdiálogo – www.emdialogo.uff.br.

SHIRKY, Clay. **Cultura da Participação – Criatividade e Generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

VINCENT, Guy; LAHINE, B. & THIN, D. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 33, jun 2001, p. 7-47.